

DOS PROBLEMAS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA HOJE

Aline Cristina Ferreira

Graduanda em História pela USP –
Universidade de São Paulo.

O que é o feminismo hoje? “É a luta pela igualdade entre os sexos” – esta seria a resposta consensual entre as feministas. O problema, atualmente, é como se dá essa luta. Muito se argumenta de que é óbvio que dentro de um movimento existam discordâncias, e por isso devemos relevá-las. Mas o que existe são discordâncias discrepantes. Não que não possa haver discordâncias: é bom e é preciso que haja. Contudo, há pensamentos contraditórios, onde cada uma diz uma coisa diferente. Há, por exemplo, aquelas que falam da objetificação da mulher no funk, há outras que dizem que não há objetificação porque o funk é “libertador” – e assim cria-se uma briga sobre o que é ser feminista e o que não é. Tudo se torna ainda mais contraditório quando percebemos que o feminismo se tornou um movimento inquestionável. Ao questioná-lo, a pessoa se torna automaticamente machista e reacionária. Isso é grave, pois gera um autoritarismo que precisa ser destruído.

Todavia, o ápice da gravidade do problema é pensar como inúmeras feministas desvinculam sua luta da transformação social, ligada à totalidade das relações sociais. É desconsiderada a ideia de que não há emancipação da mulher se não houver a emancipação humana – uma coisa está ligada à outra. Também é importante destacar que uma transformação social efetiva não é protagonizada por qualquer classe social, mas sim especificamente pela classe proletária que pode e deve ter apoio de outras classes e setores explorados.

Essa denúncia já era feita pelo grupo de mulheres anarquistas espanholas *Mujeres Libres* no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Elas, inclusive, não gostavam de ser chamadas de “feministas” por não se identificarem com as pautas

Revista Posição

feministas da época que queria assimilar aspectos masculinos, em vez de expressar uma natureza própria feminina. A principal preocupação desse grupo era fazer com que as mulheres deixassem de se submeter à religião, mas ao mesmo tempo impedir que houvesse uma submissão à política. (Editorial da Revista *Mujeres Libres* nº 1 in RAGO; BIAJOLI, 2007, p.42)

Sem dúvida o contexto histórico e as pautas mudaram, mas ainda há aspectos que já foram denunciados naquela época que, contudo, ainda existem e devem ser combatidos. A denúncia mais latente é a ideia da desvinculação da transformação social com a emancipação feminina. (Revista *Mujeres Libres* nº9 in RAGO; BIAJOLI, 2007, p.82-3) Assim, é necessária a defesa de que para haver a igualdade entre sexos é preciso haver a igualdade social. Desse modo, a desvinculação com a luta social e o autoritarismo são aspectos graves que precisam sim ser apontados e questionados.

Por fim, deve-se combater ideologias que façam com que a mulher não exerça seu potencial revolucionário. Isso significa que é preciso questionar pautas que, em vez de articular o combate das diferenças sexuais com diferenças sociais, insiram mais ainda a mulher dentro da exploração capitalista ou que “reletem” atitudes autoritárias feitas por mulheres só porque são mulheres.

Referências

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. *Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.